

SPASMO!

Porque o livre pensar, é só pensar!

Editorial

Primeiramente, um pedido de desculpas a Fábio (Beleza), XXXII, autor da poesia "Acalanto" e Priscila, XXXIII, autora do poema "Reflexões" por terem tido seus nomes omitidos, "por problemas técnicos", na última edição do "Spasmo!". Seus textos estão novamente neste número. Outra "falha nossa": desculpas também a Ricardo Henklain pela omissão de seu nome na lista de autores da série "Os sete pecados capitais".

Falhas a parte, eis a última edição de 96 do "Spasmo!". Entre erros e acertos, o balanço geral é positivo. Contudo, sempre haverá o que se melhorar. É o que esperamos para o próximo ano.

Para esta última edição, preparamos um pacotão de falácias, textos, poemas e outros afins culturais.

Divirtam-se e até o ano que vem com o:

SPASMO!/versão 97

Acalanto

Toda forma de amor é como vínculo
ou pétala que o orvalho armazena
semente que na terra encerra o ciclo
ou lágrima que nos olhos é represa.

Mas e quando este amor é coisa finda
feito enxada que o nascer do trigo ceifa
ou como seça que a vida desobriga
e que transforma o suor em bruta seiva,

Mas e quando este amor já é passado
feito silêncio que a brisa perpetua
e por fim se institui como pedagogo
como um fardo que o ombro se habitua.

Mas tal amor em tristeza não implica
pois mesmo quando castelo sem alicerce
toda mágoa, quando morta, se recicla
como as flores que brotam das fezes.

Fábio Ferraz (Beleza), XXXII

Reflexões...

Se meu coração não fosse mudo,
se simplesmente lhe disse que você é meu tudo
bateria com mais vigor
Pois seria movido pelo Amor.

Se os homens não fossem mudos
transformariam seus inconformados mundos
em algo pra se orgulhar,
Sem medo de vivenciar...

Se a nossa vontade não fosse estática
Se viver fosse apenas uma questão de prática
Nosso pensamento seria livre pra então divagar

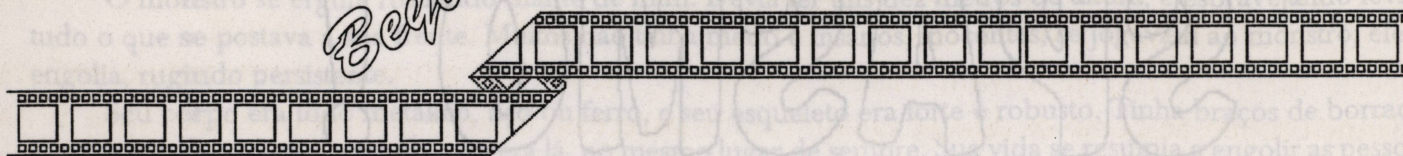
Por nossos vários e inconformados mundos
movidos pelo amor, dos quais poderíamos nos
orgulhar,
usando nosso vigor pra vivenciar
e emudecendo o constante desejo de renunciar
às coisas que são nosso tudo,

Se nossa vontade não fosse estática...

Priscila Pereira XXXIII

Beyond

HOLLYWOOD



SINCERAS EMOÇÕES

"Creio no riso e nas lágrimas como antídotos contra o ódio e terror."

Charles Chaplin

Neste tempo de domínio da pirotecnia e dos gastos astronômicos com os atuais "fast food movies": vale a pena mostrar que o cinema tem ainda a capacidade de transmitir uma singela magia, aquela que toca o coração e a memória. A lista que selecionei é bastante restrita e inclui filmes dos dois últimos anos; porém é bastante significativa.

O eterno tough guy, Clint Eastwood assina *As Pontes de Madison*, um intenso e apaixonado romance como à muito tempo não se via. Conta a história de fotógrafo da National Geographic que viaja à Madison County para fotografar as pontes da região e inicia um affair com dona-de-casa abandonada em sua tediosa e morna rotina. Com um clima crescente e poético transmite o ardor que repousava latente no âmago de seus personagens.

Um envolvente libelo sobre a amizade e a esperança é o tema de *Um Sonho de Liberdade*, baseado em novela de Stephen King (*A Redenção de Shawshank* de *As Quatro Estações*). Andy Dufresne (Tim Robbins) é acusado pelo não-provado assassinato de sua mulher e é condenado à prisão perpétua. Dentro do presídio entra em contato com a violência, a indignidade e a corrupção que regem o local. Utiliza-se de sua astúcia para sobreviver e planejar o surpreendente final, contando com a ajuda de seu único e verdadeiro amigo, vivido por Morgan Freeman.

A amizade também é tema de *O carteiro* e o Poeta, uma terna e calorosa ode ao amor e à beleza da palavra. Narra o exílio de Pablo Neruda (Phillipe Noiret) numa fictícia ilha do sul da Itália. Para cuidar de sua correspondência contrata a única pessoas alfabetizada do local, o personagem de Massimo Troisi; que como recíproca ao serviço, toma contato com a poesia e a metáfora para conquistar o coração de uma moça do vilarejo. Soma-se ao clima emotivo do filme, o fato de Troisi ter trabalhado doente e falecido logo após o término das filmagens.

O que há de mais comovente que o retrato de laços de família? É o que prova *Segredos e Mentiras* (Palma de Ouro em Cannes 96) de Mike Leigh. Após a morte de sua mãe de criação, uma optometrista negra e bem sucedida decide ir em busca de sua mãe biológica. Por ironia do destino, descobre-a branca, pobre e cheia de problemas domésticos. Depois de um constrangedor contato inicial, reatam um laço perdido pelo tempo. A implosão começa quando é insistentemente convidada para uma festa familiar, onde as mentiras esquecidas pelo passado vem à tona numa tocante catarse que se apoia no brilho e na sinceridade dos atores.

Esta seleta lista reforça que o cinema não precisa de grandes gastos, caríssimos astros ou um discurso hermético-intelectualizado para cumprir sua função básica: emocionar. Com idéias à primeira vista simples pode-se falar sobre coisas universais sem subestimar o espectador.

NOS CAMPOS DE TRIGO (RESUMIDO)

Era uma imensidão de colina, de horizontes infinitos... Numa casinha, perdida neste oceano verde, moravam Violeta e João.

Nunca soube-se como os dois se encontraram na vida, mas sabia-se que eram uma para o outro.

Violeta era calada, cada amanhecer para ela era um motivo de felicidade. Era o que João

tinha de mais rico na vida, por ela faria qualquer coisa e por isso queria tanto um grande trigal. - Não sei o que acontece, Violeta. O trigal mingua todo ano. A terra deve ser ruim, a produção não dá nem pra ir vender na cidade. Mas ainda vamos ter um trigal enorme, com

o dinheiro vamos comprar panos na cidade pra você e eu vou ter um daqueles chapéus de couro que fazem lá.

- Ah, João... - Violeta dizia e calava-se nos seus pensamentos. No fundo não precisava disso para viver. Violeta tinha os olhos para as árvores ao vento, o rio que corria em sua solidão, as flores de suas vidas... Sabia que não tinham nada... e tinham tudo.

Um dia, de sua cadeira de balanço admirava o pôr-do-sol. O campo estava iluminado de vermelho. Então Violeta partiu...

João viveu ainda por muito tempo, embora parecesse estar morto por dentro. Uma brisa na vida, mas sabia-se que eram uma para o outro. o sol poente eram o acalento e o frio da saudade,

toda aquela paisagem imensa era um vazio sem fim.

Certo dia acordou, abriu a janela e viu a mesma colina de todos os dias, porém, olhou-a de maneira diferente. Viu o quanto era bonita. Parece que via com os olhos de sua querida, que sempre encontrava ali alegria para sua existência.

Deslumbrado com o que nunca vira, João foi caindo lentamente... se transformando em GRÃOS DE TRIGO...

A BRISA veio buscar-lhe, espalhando os grãos pelo campo...

Hoje há uma casinha ali... perdida num imenso trigal.....

Marianna Mellone (XXXIII)

Quando o mundo acabar

Quando o mundo acabar - alegria - talvez haja uma gargalhada.
Quando o mundo acabar - altruísmo - talvez haja para todos.
Quando o mundo acabar - amizade - talvez haja a quem contar.
Quando o mundo acabar - amor - talvez a quem suspirar.
Quando o mundo acabar - egoísmo - talvez haja Narciso.
Quando o mundo acabar - esperança - talvez haja paz.
Quando o mundo acabar - felicidade - talvez haja um aniversariante.
Quando o mundo acabar - melancolia - talvez haja porque chorar.
Quando o mundo acabar - obstinação - talvez haja um objetivo.
Quando o mundo acabar - ódio - talvez haja quem matar.
Quando o mundo acabar - pavor - talvez haja tormenta.
Quando o mundo acabar - prazer - talvez haja a quem amar.
Quando o mundo acabar - saudade - talvez haja a quem abraçar.
Quando o mundo acabar - serenidade - talvez haja tempo para meditar.
Quando o mundo acabar - singela - talvez haja uma flor.
Quando o mundo acabar - tristeza - talvez haja um ombro a recorrer.
Quando o mundo acabar - violência - talvez haja quem espancar.
Quando o mundo acabar, este mundo só, parte da amnésia, apenas será; e,
Quando eu me calar, é que..., enfim, o mundo acabou.

Fernando K, XXXII

Um conto de Pompom

O décimo-sétimo andar parecia perfeito para meu vôo. Nem baixo o suficiente para que eu caísse sem morrer (e então ser - arg!! - hospitalizado), nem muito alto para que eu me arrependesse no meio da queda e quisesse voltar. Sim, dezessete andares era o que eu precisava para morrer de um jeito chamativo, um tanto trágico e com um toque de cafonice, embora fosse pouco criativo ou original. Mas, aos diabos: grandes exemplos existem para ser imitados, e, além disso, eu adoro vertigens !!!

Ah... porque eu queria me matar? Bem, eram os motivos de sempre: o mundo é sujo e mau, as pessoas são falsas, as mulheres me desprezam, meus melhores amigos sequer pertencem à classe dos vertebrados, a televisão é colorida demais, feliz demais, e, portanto, estúpida demais. Em outras palavras, procurei e não achei sentido algum na vida, que para mim era uma experiência inútil, visto que tudo vai acabar um dia, então o mais lógico para mim seria abreviar o sofrimento e ir logo para o tal escuro.

Mas, já que era a última coisa que eu ia fazer, que fosse feita com estilo.

Olhei para baixo. Chovia. Já era noite. Lá embaixo, apenas seres que para mim nada significavam. O.k.

Que rufem os tambores da aurora apocalíptica! Que soem as trombetas dos anjos de primeira classe, classe executiva e classe turística, porque eu também sou povo! Que vibrem as cordas que formam, entrelaçadas, o grande tecido do universo! Que as luzes brilhem sobre mim com a máxima intensidade! (Acho que eu sou meio Cecil B. de Mille).

Pulei.

Vi que, uma vez em queda livre, o tempo passava mais devagar para mim. Talvez isso comprove que Einstein estava certo (eu não sei a teoria da relatividade). O fato é que, desse modo, podia sentir com mais intensidade o vento e a chuva no meu rosto, percebia e analisava com calma todo e qualquer detalhe ao meu redor. Sem dúvida, eu estava em perfeita paz de espírito. É uma experiência que eu definitivamente recomendo. Se não fosse a consequência final do ato, pular de prédios altos poderia ser mais uma arma para combater o stress.

Filosofoei sobre a intransigência do meio enquanto ser afluente, sobre o sexo enquanto trauma e anti-trauma, sobre o poder dos macacos de Madagascar que...

"SPLOT".

Filosofoei sobre mais nada, já que estava tudo escuro e "nooossa"! Isso é o maior barato!

Meu, que paz. Tudo escuro.

"Ack"!!, alguma coisa mole e grudenta entrou na minha narina e saiu.

Mas, como é que morto, eu sentia a minha narina? Aliás, como é que eu tinha narina? Eu morri, seus idiotas, sou uma alma ou um espírito ou um nada, mas certamente não tenho mais narinas!

"Ech!!", a coisa nojenta quase entrou na minha boca.

Boca ?? Meu Deus, que boca?!? Alguma coisa está lá fora...

Abri meus olhos (??) e tentei olhar (???) ao meu redor. Foi aí que eu entendi: eu não tinha morrido, eu estava vivo, respirando e funcional!

Merda.

E, como se isso não bastasse, um cachorro com cara de idiota (como a avassaladora maioria dos cães), babando horrores, estava em cima de mim lambendo meu rosto com tamanha fúria e desespero que eu achei que estava com gosto de Frolic.

"Cough, cough. Ach. Oof. Argh." Eu tossi.

"Woof." Ele latiu.

Aproveitei a distração do Canis familiaris para afastá-lo com meu braço - que, sim funcionava! - e ainda consegui me levantar. "Vivo.", pensei. O cão ainda me lambia enquanto eu avaliava a situação.

Eu não estava lá embaixo, na rua, como era de se imaginar. Eu também não estava na minha cidade, ou em qualquer cidade. Nananinanina. Eu estava em uma praia, aparentemente deserta, sentado na areia, perto do mar, com um cachorro branco de manchas pretas demonstrando afeto de seu jeito animal. E vivo.

Vivo, com a roupa cheia de areia, um tanto úmida, e o rosto grudento. Nada mal para quem não tomou banho ontem.

Respirei profundamente, enquanto tentava entender o que havia acontecido.

RESSURREIÇÃO

À mercê dum tempo
o nada procurei
- não passei fome
graças a essa
saciedade insípida.
As fontes parasitei,
vagando as trilhas
de um "universo" sem fim
que jamais vi.
O temor, a minha bússola,
deleta os anseios
que não vivi.
As vontades esvaem-se,
enquanto o black out não vem...
A minha imagem negra
ao chão revela
o reflexo noturno,
que nasce, cresce, e
morre - ressuscita-se.
Ressuscitar-me-ei também.
Quero beber, pois, a glória
uma vez mais.

Kenji (XXXII)

A vida,
A ternura,
As brigas,
A agrura.
Tentar esquecer,
Querer se lembrar
De como é querer
Viver e amar.
Viver procurando
Sofrer expressando
Projetos futuros,
Sem falhas, sem furos.
Tentar se conter,
Querer libertar,
Deixar de sofrer,
Parar de sonhar.
A busca contínua,
Infinita, uma sina.
Uma vida, um momento,
Presente tormento.
(Momentos que o presente é
tão
eterno, que torna o amanhã
inexistente.)

Balthazar XXXIII

Um Pouco de Visão - Wagner Cirillo (XXXII)

Subo e fico aguardando na sala de espera. A secretária, lá em baixo, pensa: "Será que o Sr. Francisco está melhor?". Aqui em cima, outro senhor aguarda a consulta com o clínico.

A sala é escura, não há muita iluminação. Há quadros na parede, e um deles me chama a atenção. Mostra um homem andando num campo talvez durante o outono. Atrás dele, uma árvore grande e desfolhada. A sua frente, um sol poente. Sua expressão é tranqüila.

- Boa tarde!

- Boa tarde - diz o senhor a minha frente. - É a primeira vez que o senhor vem aqui?

- Não, não, já é a terceira. - respondo.

A consulta demora, e através da divisória que nos separa do consultório propriamente dito, podemos ouvir ruídos que nos levam à consulta que acontece lá dentro. Será uma senhora com câncer? Será uma criança gripada? Ninguém o saberá além do médico e seu paciente.

O tempo passa e quando menos esperamos e a porta se abre e uma senhora sai. Sua face triste associada às ações do tempo em seu rosto me deixam uma má impressão. Sabemos que dali a instantes o médico chamará o próximo paciente.

- Senhor Ricardo Santana!

Ele entra. A porta se fecha e começo a ouvir a voz dos dois lá dentro, conversando.

- Sabe como é, doutor, o sono me foge toda noite.

- Sei. O senhor continua com esses sintomas?

A conversa prossegue e aos poucos eu e o médico vamos sabendo mais e mais a respeito daquele ser. Seus problemas são inúmeros. Perdeu a mulher, que faleceu há cinco anos, perdeu sua fortuna no jogo, os filhos estão por aí, "perdidos na vida" (sic). Perdeu também o sono e é esse o motivo de sua terceira ou quarta consulta. Ricardo reclama com o médico a respeito de seu ronco, seu sono inconstante, os temores que lhe afligem quando dentro dos lençóis. Acorda cansado, trabalha improdutivamente, alimenta-se mal.

- Já pensou em suicídio?

Fico espantado com a pergunta, presto mais atenção para confirmar se é isso mesmo.

- Não, nunca doutor... Só uma vez quando...

É isso mesmo. O médico levou o consciente de seu amigo às últimas conseqüências. A conversa continua.

- Doutor, eu vi na TV que há um novo remédio contra a insônia, não sei se já existe aqui no Brasil.

Seu problema é o sono. O que o tem afligido é a falta de sono, e para ele, se isso for sanado, ele está curado. Ricardo tem uma visão estreita da realidade.

Agradecimentos, formalidades, e a porta se abre novamente:

- Passar bem! Agora é só seguir direitinho o que eu te disse e voltar daqui a quinze dias.

- Obrigado, doutor.

Espero o Senhor Ricardo descer. Pego a revista, pego minha mala, dou uma última olhada naquele quadro na parede e me levanto, seguindo em direção à escada.

- Senhor Francisco Depende de Deus!

- Não, doutor. Não precisa não, eu já estou indo!

Falácias

"... fatores que a gente vai discutindo na medida do cabível..." (Léo "carioca", XXXII, no seminário de Semio.)

"Quando a mama está superlotada de leite..." (Prof.a. Albetiza da Farmaco).

"Cada um gosta daquilo que gosta." (Prof. Jamiro, falando sobre stress).

"Mas é um estupro do colédoco!"- Riani ,XXXII, ao observar um RX de uma CPRE na aula de Semio)

"A gente tava no show do Barão Geraldo." (Léo Bonilha,XXXII,referindo-se ao show do Barão Vermelho)

"Clarissa, você está usando a minha saia?!? (Gargamel, XXXII, referindo-se a roupa que usou na Festa do Contrário.)

"As meninas hoje em dia são muito voláteis." (Gargamel, XXXII, filosofando sobre as meninas de hoje).

"A paciente tem um hepatocarcinoma que começou na supra-renal e depois virou um linfoma" (Marcelo, XXXII, tentando "desesperadamente" descrever o quadro da paciente).

"A moléstia apresenta uma peculiaridade muito peculiar." (Prof. Athanase durante aula de Anatomia Patológica).

"Nenhum vírus resiste a 1 milhão de dólares; todo vírus tem seu preço." (Prof. Gilberto de Nucci, na aula de antivirais).

"Você não está precisando de um transplante de salivas ? "(Cantada ouvida ultimamente pelas meninas da Med no Bello feita por um antígeno não identificado).

"Tu quero ver a cobra!" (Ana Paula tenista, XXXIII, aula de Parasito).

" Ah, agora eu achei o buraco." (Júlio, XXXIII ,procurando a "janelinha" na máquina fotográfica).

"Achei o parto um momento de indignação do feto por terem tirado a privacidade dela." (Frase dita numa aula de Psicologia Médica I).

"Alguém tem algo pontiagudo aí ?" (Prof. de Farmaco querendo um apontador).

"Vocês querem um beijo na boca??" (melhor amigo Jales, XXXII, oferecendo água de sua garrafa particular)

"O descobridor do Capoten é um cara tão bom, mas tão bom, que sem dúvida mereceria ganhar um Oscar." (Professor Brenelli, na aula de Semiologia, em uma pequena confusão quanto ao merecido prêmio).

"Mama não menstrua. Vocês já pararam para pensar nisto?" (Palestrante no curso de Oncologia)

"Tem que pôr no buraco do centro porque senão não anda!" (Caléo, XXXII, explicando como funcionava o mastro da jangada)

"Põe logo o pau no lugar certo, moço!" (Mariana, XXXII, a respeito do mesmo mastro no passeio de jangada)

"Eu tô exausto porque subir e descer da banana cansa!" (Mauro, XXXII, cansado de cair da "banana-boat")

"Essa banana está machucando a minha bunda" (Beleza, XXXII, na mesma situação...)

"Essa noite eu quase não resisti aos demônios que tentaram me levar..." (Mike, XXXII, relatando as loucuras da noite anterior).

"Cadê o nosso negão?!" (Mike, XXXII, procurando o jangadeiro que tinha sumido antes do passeio).

"A gente não sabe fazer o chá, porque a gente já recebe ele pronto". (Cássia, XXXII, sacaneando um representante da Santa Casa a respeito da Lenda do Cogumelo).

"Você não consegue imaginar o que imagina a sua vã imaginação" (Cássia, XXXII, sem entender o que estava acontecendo ao seu redor...)

"- Você está gostando do Campus?"

- O que é Campus?" (Melecão, XXXIII, sem comentários.)

"Eu só estava sentando, com as pernas abertas e a mão no meio, brincando de vaivém!" (Caléo, XXXII, explicando o que ele fazia brincando com as ondas da beira do mar).

"Você vem da maternidade cheia de "galhos" na cabeça..." - Prof.a. Albetiza da Farmácia, tentando referir-se às preocupações ("grilos") que as primíparas têm para com seus filhos.

"A paciente apresenta Hipertensão Arterial Sistólica" (melhor amigo Jales, XXXII, no seminário de Semio, tentando traduzir a sigla HAS, para delírio geral e do prof. Brenelli.)

"Que cadeira legal! Já vem com vibrador!" (Robenilson, XXXII, enquanto Hugsmaer se balançava no Paulistão.)

"O paciente apresenta dermatite nos testículos" (Riani XXXII, tentando referir-se a bolsa escrotal)

O MITO DA BELEZA

Claudinéia era feia! Não que o desejasse ter sido, nascera assim. A natureza, de propósito, ao planejá-la, esquecerá de lhe reservar atributos estéticos, da mesma forma que uma avó cria os casos de maus exemplos para que os netos neles vejam o que não desejam tornar-se.

Da sua aparência física, o que mais lhe irritava não eram os cabelos arredios, de pontas espetadas, ou as inúmeras espinhas na face, ou ainda a dentição imperfeita, ou ainda ... Mas sim, sua cintura. Aaahh! Aquela maldita cintura ... Segundo suas contas, a soma das medidas de busto, quadril, pescoço, tornozelo e Q.I. da Miss Brasil de 1959. Inúmeras vezes aderira às dietas: da lua, da água com sal, do sol, da Xuxa, da alfafa, da etcetera (pasmem, até da etcetera!), para logo após abandoná-las. Chegou à conclusão de que sua única e natural vocação era o abandono de dietas.

Seu desempenho intelectual era parco. Não sejamos malvados, não era burra, apenas tinha algumas dificuldades com Matemática, Português, Física, ... Que prolongavam sua permanência na quinta série.

Com tantas qualidades, não era de estranhar que aos 17 anos nunca tivesse namorado. Compensava isso servindo de confessorário para as outras garotas, as quais serviam-se dela por julgá-la uma concorrente fora do páreo, sem qualquer chance. Um garoto que com ela ficasse, estaria malfadado para o resto da vida, ganharia no mínimo o título de "São Jorge".

Para compensar seu martírio, era assídua leitora da revista "Boa Forma". Nossa! Quantas coisas o mundo tem! Quanta gente bonita, com cara de feliz! Mas Claudinéia não se iludia, ou ao menos achava que não. Aquela gente toda fingia, fingia o tempo todo. Na verdade não passavam de subnutridos infelizes. Dizia isto aproximando o queixo do ombro e estalando a língua, num gesto de desprezo.

Certa feita, carregava Claudinéia seu pesado corpo pela calçada, retornando da banca de cachorro-quente mais próxima, quando notou do outro lado da avenida uma figura que lhe era conhecida.

Seus olhos teimaram em acreditar, seu coração disparou, suas pernas tremeram: era ela! Era ela! A Cláudia Raia! A Cláudia Raia existia e era tão bonita quanto nas fotos. Como ela é enorme!

Como um predador que avistou a presa, Claudinéia apressa-se pela avenida em busca do seu ícone da beleza. Sem reparar no tráfego, tenta desamassar o guardanapo do cachorro-quente que acabara de comer: queria um autógrafo, não mais que isto. O simples fato de ter visto pessoalmente a Cláudia Raia já era estória para o resto da sua vida. Ter então um autógrafo dela, seria a êxtase.

O objeto do desejo de Claudinéia também inicia a travessia da avenida. Dá alguns passos, até ser parada pela fã, que com grunhidos aborda-a dando pulinhos. Tão emocionada ficou Claudinéia, que mal sabia o que falar, ao tentar, conseguia apenas expressar monossílabos incompreensíveis.

Por um instante, no entanto, tornou-se Claudinéia plácida e muda: avistara um carro que dirigia-se em direção a ela e sua musa em alta velocidade, alta o suficiente para não poder parar.

Numa faísca de tempo, Claudinéia não titubeou. Empurrou Cláudia para a calçada e deixou-se ser atropelada pelo carro. Foi neste lapso infinitesimal de tempo, que teve ela uma idéia brilhante, talvez a única da sua vida: ao salvar Cláudia, seria notícia, seria manchete de jornal, todos os homens do mundo ao ver a Cláudia Raia agradeceriam inconscientemente à salvadora daquele monumento à beleza.

E Claudinéia, ao ver seu sangue escorrer pelo asfalto quente, esboça um sorriso. Um sorriso que apenas os que cumprem sua missão na terra podem ter: sim, tinha certeza, ela apareceria, talvez não ela, mas apenas seu nome! Sim, Ela! Ao menos uma foto 3x4 sua seria editada na coluna de beleza do jornal!

DIÁLOGO NA MADRUGADA - UMA HISTÓRIA REAL - Anônimo

(...)

A: Pra eu fazer esse favor eu quero seu irmão.

B: Mas ele é tão novinho, não sei muito da vida dele, mas acho que ele ainda não pensa nisso com intuito de “fazê-lo”.

A: É, mas daqui a uns 2 ou 3 anos com certeza.

B: Mesmo porque, ele não pode ser “atuante” já, ia ser terrível para mim saber que sou a única virgem da família. Aliás minha irmã outro dia assistiu a um programa de entrevistas, onde a mulher que estava sendo entrevistada dizia só gostar dos “muito bem dotados”. Aí levaram um cara no programa - claro que só o mostraram da cintura para baixo - um jumento. A entrevistada ainda pegou, mediu, pesou, parecia que estava escolhendo fruta na feira e ainda achou pouco. Pelo tamanho que imaginei “murcho”, já pensou o estrago que faria? Ia parecer que você estava no espeto, saindo pela boca.

A: Tanto assim também não precisa. Dando conta do recado já tá bom. Não podia também ser muito fino, assim, uma lingüiça Joaquina. Uma Sadia ia ser ideal. Você já pensou se alguém usa lingüiça ao invés de garrafa?

B: Mas só se for frita, porque crua ela não serve, é muito mole.

A: Aproveita, então põe num espeto.

B: Não precisa, é só pôr uma camisinha e mandar ver. Já pensou se a coisa entra e a pessoas não consegue mais tirar? Como você vai justificar?

A: Ah, no PS você fala que estava num churrasco e tropeçou. O médico vai dizer: “É, churrasco é perigoso mesmo...”.

B: Mas como é que você vai explicar a camisinha?

A: “Que lingüiça mais prevenida, né?”

Estranheza?!

Pudera eu saber o que move este estranho mundo, o que faz pessoas viverem, morrerem, sorrirem, chorarem.

Quisera eu entender, com minha vaga consciência, somente por um instante todo esplendor do amor divino, aspirar de uma só vez toda sabedoria sobre o que leva homens a se matarem, genes a lutar contra o tempo e a desordem do universo, pássaros a voarem, o Sol a nos aquecer, a natureza a existir, a persistir...

Libertar-me-ia, então, das correntes deste jogo e olharia fundo nos olhos de Deus e compreenderia toda a beleza da criação e do Criador. Justificaria, assim, minha existência, não só como obra criada, mas também como criatura criadora.

E, cada vez que olho profundamente um paciente é nos olhos de Deus que estou procurando olhar, pois se tudo faz parte de Sua criação, então cada parte, cada detalhe tem seu sentido na grande harmonia da ...

VIDA!!!

O MÉDICO E O MONSTRO

O monstro se erguia rosnando diante de mim. Devia ter uns dez metros de altura, e esbravejando levava tudo o que se postava a sua frente. Muitos não tinha medo e insanos, inocentes, se jogavam ao monstro; ele os engolia, rugindo persistente.

Seu corpo era todo metálico, aço ou ferro, e seu esqueleto era forte e robusto. Tinha braços de borracha e, ao que tudo indicava, sempre estivera lá, no mesmo lugar de sempre. Sua vida se resumia a engolir as pessoas, e pareciam milhares por dia.

Eu não conseguia imaginar ou conceber a existência de algo como aquele. Tão poderoso, grande, brilhante, e ao mesmo tempo tão vivo, deglutindo vidas e mais vidas com as quais se nutria, alimentando sua sede e sua fome por mais e mais comida.

Impressionantes eram os sacrifícios que lhe ofereciam diariamente, e ele, como um deus, os recebia de bom grado. Não sobrava um, não restava ninguém pra contar história.

Tudo corria bem no nosso mundo. O monstro devorava milhares, a tristeza devia ser grande mesmo, mas todos viviam em paz, meio que conformados com aquela presença. Até o dia em que minha mãe foi pega pelo monstro. Não deu pra entender direito se ela se entregou a ele porque quis, ou se foi mais um sacrifício.

Foi mais ou menos assim, se é que eu me lembro bem: Estávamos num lugar grande ventilado, e lá estava o monstro em seu trono. Rugia e estendia seus enormes braços de borracha para nós. Minha mãe, não sei se hipnotizada ou o quê, caminhou lentamente em sua direção. Eu vi tudo: minha mãe sendo devorada, e, dando por si no instante fatal começa a gritar, vendo que eu não havia ido junto.

Eu tinha seis anos, e desde então nunca mais andei de escada rolante.

Dan Kotsura

SADNESS

A tristeza em mim
é como a areia úmida
que resta depois que o mar
invadiu as pedras.
É a gota de orvalho,
radiante em formas geométricas
sob o pálido sol da manhã.

Minha tristeza é branca...
É o cinza da chuva.
- Mas minhas roupas de triste
são escuras,
são tardias.

Minha tristeza...
é quase alegre quando chora,
quase melancolia
quando sorri.
Minha tristeza é mesmo,
o rosado pôr do sol
atrás das serras...
e o som distante,
de terras distantes,
evasivas
na maré.

A refletir paixão

Tu és Maria
estudante, católica, filha, falante
sozinha, carente
eternamente em busca.
Estás assim, na lua
transcendendo, cruzando ruas no ar.
Em alegria pulsátil, contagiante
a colher flores em nuvens
e plantar risos à volta.
Riscando poesia em caderno de Pato
querendo arriscar mais,
mas ainda não.

Não é amor, nem permanece.
História etérea contada numa mesa ébria
Aonde a firmeza de ser,
e erguer a cabeça por seus ideais?
Aonde a coragem do João-de-barro,
batalha vencida a cada dia, contra
nossa Natureza?
Aonde a confiança para fugir do mesmo,
barro vil que que nos arrasta à dança
das massas desnorteadas e ocas?
Aonde o laço coeso que te unirá a ele
e ao eterno?
Que te fará imensa, além de si mesma
a te transmutar, Maria, em perfeição?